

de escrever

Sobre este ofício

Procurando alguma coisa em minha gaveta — cuja desarrumação é um triste retrato do interior de minha pobre cabeça — vejo muitas cartas a que não respondi. Isso me dá remorso. Não falo dos leitores que escrevem apenas para elogiar ou xingar alguma crônica, e portanto não esperam resposta. Falo dos muitos que escrevem para pedir ao cronista uma palavra sobre isto ou aquilo.

Trata-se, geralmente, de pessoas de classes pobres e oprimidas, pessoas que reclamam contra injustiças ou malfeitos dos ricos e poderosos, e têm a ingenuidade de acreditar que uma palavra minha teria algum poder. Sei que meu silêncio às vezes entristece alguns e a outros irrita. Chegam-me críticas; num momento assim ele conta um banho de mar ou fala da lua! Às vezes a observação é mais grave: tal frase minha seria produto do medo, tal seria filha do interesse; ou se fala de despeito e amor à anarquia.

Sei perfeitamente que isso não tem remédio. Uma longa tarimba me ensinou que é impossível agradar a todos, e não apenas isto: é impossível não desagradar a muitos. Não posso deixar de reconhecer que nessa estranha indústria, que é a imprensa, esse extravagante artesanato perdido entre maquinarias, que é o cronista, tem deveres especiais. Cada pessoa que nos lê adquire, por esse simples fato, direitos misteriosos. Se gosta de algumas coisas que escrevemos, ela se sente não apenas contrariada, mas também traída quando escrevemos alguma coisa de que não gosta. Sentimos, em volta de nossa mesa, esse côro contínuo de máguas é recriminações, éco infalível do humilde matraquear da máquina em que batemos; mais difícil de esquecer que os insultos e aplausos.

Não para me desculpar de omissões e erros, mas apenas para me desculpar de minha profunda fraqueza,

quero dizer umas coisas. Quero dizer a essa jovem senhora que ficou maguada com um artigo que fiz, que eu, no momento de fazê-lo, previ essa mágua, e isso a mim mesmo, talvez mais severamente que a ela, muito me magoou. E porque não atendi ao pedido daquela moça estudante sobre a questão dos cursos noturnos? E não tive uma palavra de resposta ao apelo comovente desse pobre homem perdido no interior de S. Paulo? E tanta coisa mais!

E que eu não posso com o mundo e mal posso comigo. Reconheço meus deveres, mas sou fraco perante eles. Tenho uma vida desarrumada e quase sempre melancólica. Não são apenas a razão e a existência que me guiam, mas muita vez um instinto vagabundo e uma ocasionalíssima veneta. Consolo-me em pensar que todo mundo é mais ou menos assim, e isso apenas quer dizer que não nasci para apóstolo nem juiz. Nada esperem, portanto, deste cronista; acostumem-se a pensar (com o perdão da vulgaridade do termo) que ele é um piroquete, não mais; e se me quiserem fazer esse favor pensem ainda que no fundo (como toda gente) é um bom sujeito.

E me deixem guardar certas esperanças humildes. De que às vezes uma ou outra coisa violenta que escrevo pode, afinal, ter uma pequenina valia na luta contra violências piores. De que às vezes uma tolice aérea que digo sobre nuvens de tarde ou tristezas do amor também pode fazer bem a alguma outra pessoa tola e triste.

São simples ilusões, talvez. Mas me ajudam no ofício, que é este, e não posso largar enquanto não tiver outro que me dê pão para a família e um pouco de álcool honesto para beber à saúde dos bons amigos.

homem fraco não mais...

A POESIA É NECESSÁRIA

SOLIDÃO

DE ABGAR RENAULT

O rio se entristece sob a ponte.
Substância de homem na torrente escura
flui, enternecimento ou desventura,
misturada ao crepúsculo bifronte.

Antes que débil lume além desponte,
a sombra, que se apressa, desfigura
e apaga o casario em sua alvura
e a curva esquiva e sábia do horizonte.

Os bois fecham nos olhos o arado,
o pasto, a hora que tomba das subidas.
Dorme o acaso, pastor, entre as ovelhas.

Sobem névoas dos vales fatigados,
e das árvores já enoitecidas
pendem silêncios como fôlhas velhas.

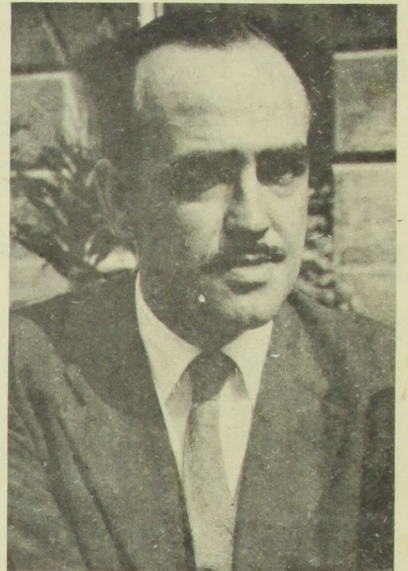


Os amigos de Abgar Renault e o editor José Olympio pelem com ele, sem resultado, para que reúna seus poemas em um livro. Até agora ele só publicou em volume traduções como "A Lua Crescente", de Tagore e "Poemas ingleses de guerra", este último organizado e editado pelos amigos, às escondidas, para surpreender o poeta em aniversário. Nacido em Barbacena em

1901, bacharel em Direito (orador da turma) recitou muito soneto nos salões de Belo Horizonte, foi deputado estadual, e Gustavo Capanema trouxe-o para o Departamento Nacional de Educação. Mas não gosta de viver no Rio; deixou as cátedras que exerceu aqui e voltou para Belo Horizonte, onde ensina na Faculdade de Filosofia. Grande contador de anedotas e casos.

DUAS PÁGINAS DE **Rubem**

GENTE DA CIDADE



Lúcio Rangel

Nasceu aqui no Rio, na Praça Afonso Pena, Tijuca, em 1914. Lembra-se com saudades da banda de música que aí tocava. Quando bebe um pouco mais, canta sambas, imita cantores negros, rege orquestras de "boites". Interpreta essa tendência musical por meio de uma frustração: quando era pequeno, pediu a seu pai que lhe comprasse um piano. Nunca teve um piano. Aos cinco anos, Lúcio do Nascimento Rangel (neto de Nascimento Silva) mudou-se para Copacabana, indo morar em uma das três únicas casas que existiam na rua Constante Ramos. No Colégio Pitanga, conheceu Roberto Assunção: este, Lúcio, Simeão Leal, Otávio Tirso, Santa Rosa e Celso Cunha formam uma espécie de "fortaleza" de amigos, solidários uns com os outros em quaisquer circunstâncias. Outra lembrança de infância: perdeu uma patinete quando o rei Alberto apareceu pela primeira vez na praia de Copacabana. No curso ginásial (Colégio Aldridge e Ottati) foi colega de João Condé, Murilo Miranda e Jorge Werneck, este último hoje conhecido treinador do Jôquei Clube. Na Escola de Direito, foi colega de Marques Rebelo, Guilherme de Figueiredo e Roberto Assunção, formando-se em 1936. Estudante, morou em tôdas as pensões da rua Correia Dutra, e tornou-se amigo de dois grandes escritores contemporâneos: Mário de Andrade e Graciliano Ramos. Uma vez, entrando no quarto do autor de "Angústia", encontrou-o calçando os sapatos e recitando em voz alta "Os Sinos" de Manuel Bandeira. Conta que Simeão Leal era o grã-fino da época, porque morava em um hotel da rua do Catete e tinha sempre um dinheirinho para socorrer a miséria dos amigos. Por essa época, a vida da "turma" era casa suspeita, samba, macumba, morro, Anibal Machado, Álvaro Moreyra, Elsie Huston e literatura. Frequentavam a Taberna da Glória (onde ia Mário de Andrade) e a Brahma (onde sempre estava Prudente de Moraes, neto). Muitas farras de chope, acabaram no adro da igreja da Glória, onde Mário de Andrade costumava dizer versos e dançar. Otávio Tirso era magríssimo e tinha cólicas de fígado. Lúcio Rangel diz que não gosta de futebol e, sim, do Botafogo. Desde 1929, perdeu apenas uns cinco jogos do "glorioso", achando que o melhor time deste foi o campeão de 32: Vitor, Benedito e Rodrigues, Afonsinho, Martin e Canali; Álvaro, Paulinho, Carvalho Leite, Nilo e Celso. Cantou na Rádio Educadora, em um tempo em que os estudos só eram frequentados pelas mães das cantoras, em um programa de Paulo Neto, acompanhado pelo humorista Aluizio Silva Araújo, e a peça preferida era um samba do mesmo Aluizio: "Pra que sofrer?" Desistiu do canto quando ouviu, pela primeira vez, Cartola. Tem grandes recordações dos "Festivais do Teatro

Lírico”, por volta de 33, em que se exibiam Francisco Alves e Mário Reis, com grande orquestra; nêles também apareciam Maurício Joppert e Lucila Noronha, acompanhados ao piano pelo saudoso Mário Cabral. Amigo de Ismael Silva há muitos anos. Noel Rosa, via muito no “Chave de Ouro”, a tomar canja e gema de ovo. É intransigente com o que considera ruim. Refere-se com ênfase engraçada ao *divino* Cartola, o *imortal* Brancura, o *meu magnífico* Ismael... Acha que sambas como “Jura”, de Sinhô, “Dorinha meu amor”, de José Francisco de Freitas, “Novo Amor” de Ismael Silva, “Feitiço da Vila”, de Noel e Vadico, “Ai Ioiô”, de Henrique Vogeler e Luís Peixoto, “Divina Dama”, de Cartola, “No Morro de São Carlos”, de Hervê Cordovil e Orestes Barbosa, e mais uma meia dúzia, acha que êsses nunca foram superados em graça, beleza e autenticidade. O que há com o samba de hoje? Lúcio responde que o samba antigamente era feito por sambistas e, hoje, por engenheiros, aviadores, militares, advogados... Sua atenção pelo “jazz” foi despertada no filme “Jippers Crippers”, em que aparecia um pretinho — Louis Armstrong. O interesse virou paixão. Ouviu muito “jazz” e leu vários livros sobre o assunto, prezando muito, no Brasil, os conhecimentos de Marcelo Miranda e José Sanz. Anti-be-bop, anti-grande orquestra e anti-Duke Ellington. Os “maiores” são Jelly Roll Morton, Bunck Johnson, Johnny Dodds, Kid Ory, Mead Lux Lewis e Armstrong, este último apesar do inteiro comercialismo musical em que se encontra atualmente. Lúcio Rangel tem muitos amigos e se orgulha da antipatia que lhe vota o Barão de Stuckart, do “Vogue”. Considera José Auto, Mário Cabral, Prudente de Moraes e Otávio Tirso os quatro melhores sujeitos do mundo. Depois de Santa Rosa e Simeão Leal, acha a si mesmo um grande conhecedor de arte gráfica. No ano passado foi, pela primeira vez, a Paris: muitos acharam que não voltaria mais. No fim de doze dias, Lúcio apareceu com a sua mala em um bar da Cinelândia. O fato foi interpretado como um dos mais violentos ataques de saudade já registrado no meio-século.

(Lúcio Rangel, aí retratado “a la Braga”, estréia neste número como o responsável por uma nova seção de MANCHETE, a que aparece à página 16

Domingo em Copacabana

FAZIA CALOR

Outro dia estava fazendo muito calor, e apareceu um homem disposto a discutir comigo. Eu discuto mal, principalmente no verão. O homem defendia os agiotas. Isto é, não defendia. O que êle dizia era que, afinal de contas, os agiotas não sei o que têm, porque é preciso não esquecer que, de um certo ponto de vista, é preciso encarar a questão, aliás, não sei o que... Era mais ou menos isso o que o homem dizia. Êle citou vários exemplos e de vez em quando me perguntava:

— Você não acha que eu tenho razão?

Eu não achava nem deixava de achar, de maneira que não dizia nada. Aí o homem insistia:

— Vamos, diga, isso é ou não é um fato?

— E'...

— Pois bem. Agora você precisa ver outra coisa. Aqui no Rio de Janeiro havia anti-

gamente não sei quantas casas de penhor. Muito bem. Pois então vamos fazer um cálculo...

Aí o homem fazia um cálculo. Depois perguntava se eu não concordava com o cálculo, se não achava justo, se achava exagerado. Aí teve uma hora que eu não sei o que foi que eu disse que o homem gritou:

— Mas então é você que defende os usurários! Esse argumento seu...

E êle me provou por “a” mais “b” que o meu argumento era uma grande arma na mão dos usurários. Aliás, reparando bem, uma arma de dois gumes. Eu, a bem dizer, não me lembrava mais qual era o meu argumento, nem mesmo sabia que tinha dado um argumento. O homem falou sobre taxas de juros, avaliação, leilão e Monte Socorro, fiscalização, prazo e outras coisas desse gênero. Confesso que fiquei um pouco desorientado. O homem então se exaltou não sei porque e perguntou se eu queria que os usurários me emprestassem dinheiro a um por cento ao mês.

— E' isso que você quer, não é?

— Eu, não...

— Então o que é que você quer?

Respondi que eu não queria nada. Êle disse que “não quero nada” é um modo de dizer. Ê perguntou outra vez ameaçador:

— Mas então o que é que você acha? Eu não compreendo você! Ora você diz uma coisa, ora outra. Vamos, me explique, o que é que você acha?

Respondi com a máxima sinceridade:

— Eu acho que está fazendo muito calor.

O homem ficou um pouco zangado e disse que comigo não se podia discutir. Não valia a pena discutir. Para que êle não ficasse mais zangado, concordei:

— Pois é isso o que eu sempre digo.

O leitor me desculpe, mas não sei o que falamos mais nessa palestra tão interessante e instrutiva. O que sei é que estava fazendo muito calor, e que no momento em que escrevo continua fazendo muito calor.

